

A Variação na Concordância Nominal na Língua Falada na Capital Alagoana

Andressa Kaline L. Oliveira **MARQUES***

Almir Almeida de **OLIVEIRA****

Aldir Santos de **PAULA*****

* Mestre (2016) e doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contato: marandressa0@gmail.com.

** Doutor (2017) em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pós-Doutorado (2019) na UFAL. Docente da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Contato: almir.oliveira@uneal.edu.br.

*** Doutor (2004) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contato: tapu@uol.com.br.

Resumo:

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, analisa-se a correlação do uso da concordância nominal em Maceió e as variáveis linguísticas posição linear, classe gramatical e relação da classe gramatical com o núcleo e as variáveis extralinguísticas escolaridade, faixa etária e sexo. Para isso, analisam-se amostras de fala de 48 maceioenses estratificados através dos critérios: sexo, escolaridade (baixa escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e faixa etária (dos 16 aos 35, dos 36 aos 55 e dos 56 aos 80 anos). Verifica-se, nesta pesquisa, que a primeira posição, artigos, demonstrativos e possessivos antepostos são favorecedores da concordância nominal, como também que falantes mais escolarizados, pertencentes à faixa etária mais baixa e do sexo feminino são mais propensos ao uso da concordância. Ao comparar esses resultados com os de Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014), observa-se que escolaridade, sexo e posição linear correlacionam-se com a concordância de forma semelhante em Maceió, Belo Horizonte, São Paulo e Nova Iguaçu (RJ). Ao comparar a variável faixa etária, porém, observa-se que, tanto em Brandão (2011) quanto em Silva (2014), a faixa intermediária destaca-se no uso do morfema de plural, enquanto nesta pesquisa os mais jovens destacam-se nesse uso.

Palavras-chave:

Concordância nominal. Variação linguística. Maceió.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 22, n. 2, p. 145-166, ago. 2019

Recebido em: 29/07/2019

Aceito em: 21/12/2019

A Variação na Concordância Nominal na Língua Falada na Capital Alagoana

Andressa Kaline L. Oliveira Marques; Almir Almeida de Oliveira; Aldir Santos de Paula

INTRODUÇÃO

Um dos temas mais tratados no âmbito da língua portuguesa, principalmente em relação à variedade brasileira, a concordância nominal suscita, ainda, interesse por refletir implicações socioculturais e linguísticas que caracterizam a variação no Português Brasileiro (PB), ou seja, a correlação de variáveis linguísticas, como a posição linear do constituinte do sintagma nominal e também com variáveis sociais, como a escolaridade.

Os primeiros estudos sociolinguísticos variacionistas sobre a concordância nominal no PB foram realizados por Braga e Scherre (1976), Braga (1977) e Scherre (1978). Essas autoras constataram que, embora a língua portuguesa apresente mecanismos de flexão de número, de gênero e de pessoa e que a norma ensinada nas instituições escolares prescreva a adequação flexional dos termos determinantes aos termos determinados, frequentemente ocorre o apagamento do morfema de plural em alguns elementos do sintagma nominal, o que proporciona que a concordância de número no sintagma nominal se comporte como sincronicamente variável e se apresente de diferentes formas.

Em Maceió, Salgado *et al.* (2006) analisam a concordância nominal centrado-se na concordância de número nos predicativos e nos participios passivos contribuindo, com isso, com a ampliação do entendimento sobre esse fenômeno linguístico na capital alagoana. Assim como em Salgado *et al.*, este trabalho vem colaborar no estudo da concordância nominal na língua falada em Maceió, por meio da análise do uso do morfema de plural em sintagmas nominais que possuem como núcleo o substantivo.

Para construção deste trabalho, tomam-se para análise amostras de fala de maceioenses e busca-se verificar a correlação da concordância nominal e as variáveis extralinguísticas: escolaridade, faixa etária e sexo, bem como com as variáveis linguísticas: posição linear, classe gramatical e relação da classe gramatical com o núcleo, o que será melhor explanado no decorrer do texto.

Tem-se como objetivo também realizar a comparação dos resultados com os verificados em outros estudos realizados em alguns municípios brasileiros, a fim de observar como se realiza a concordância nominal no PB, contribuindo, dessa forma, para a ampliação do conhecimento sobre o fenômeno e para o contínuo de investigações referentes ao tema.

A CONCORDÂNCIA NOMINAL SOB UM OLHAR VARIACIONISTA

Na abordagem sociolinguística variacionista, a língua é concebida como um sistema heterogêneo, cuja variação é uma característica inerente. Ao considerar a concordância nominal, observa-se que ela se apresenta de diferentes formas: marcação de plural em todos os elementos, marcação de plural em alguns elementos e marcação de plural apenas no primeiro elemento do Sintagma Nominal (SN). O uso de uma ou de outra variante é condicionado por grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

A análise desse tipo de dinamismo da língua, por meio de dados sincrônicos, ganhou corpo com os estudos desenvolvidos por Labov (2008) que, ao conceber a variação linguística como um fenômeno sistemático e condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos, postula que a variação observada sincronicamente em um determinado ponto da gramática de uma comunidade de fala pode refletir um processo de mudança em curso no sistema linguístico, no plano diacrônico. Dessa forma, busca-se apreender o *tempo real*, onde ocorre o dinamismo diacrônico da língua, no chamado *tempo aparente*, ou seja, em uma espécie de projeção.

Algumas pesquisas analisam o sistema linguístico considerando dados colhidos em uma mesma comunidade em dois momentos distintos, ou seja, considerando o tempo real. Esta pesquisa, porém, centra-se em dados colhidos em 2014, na cidade de Maceió, e parte do princípio de que as diferenças linguísticas de gerações distintas de falantes em um determinado momento podem apresentar diferentes estágios do desenvolvimento histórico do sistema linguístico.

No estudo da concordância nominal no PB têm-se considerado a combinação das variáveis sociais: faixa etária, escolaridade, classe social e sexo, com o intuito de identificar se esse fenômeno variável se encontra em processo de mudança em progresso ou em variação estável. No que concerne à faixa etária, considera-se que a mudança em progresso se caracteriza pela distribuição inclinada, com os falantes mais jovens apresentando maior uso das formas inovadoras; enquanto na variação estável há um padrão curvilíneo, com as faixas etárias intermediárias apresentando maior uso das formas linguísticas de maior prestígio (cf. CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 91).

Em relação à escolaridade e à classe social, tem-se afirmado que um padrão curvilíneo, isto é, com maior apresentação das formas inovadoras nos grupos que se localizam no centro da hierarquia, configura mudança em progresso, ao tempo que na variação estável se verifica uma relação diretamente proporcional entre classe social ou escolarização e o uso das variantes de prestígio (cf. LABOV, 2008, p.115-135).

Quanto ao fator sexo,¹ Labov afirma que as mulheres demonstram uma

¹ Embora se compreenda gênero como construção social, como sinalizado por Freitag e Severo (2015), neste trabalho aborda-se o fator sexo, em virtude dos aspectos metodológicos utilizados na coleta dos dados que não se voltam às nuances sociais que norteiam os diferentes gêneros.

sensibilidade para as formas linguísticas de prestígio e possuem uma participação decisiva nos fenômenos de mudança. Todavia, ressalta que não se pode tomar, como princípio geral, que as mulheres sempre encabeçam a mudança linguística. A esse propósito, Paiva (1992, p.71) afirma que

Quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Quando, ao contrário, se trata de implementação de uma forma desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a ponta do processo de mudança.

Scherre (1988) destaca, porém, que o papel do fator sexo não é muito claro na distinção do processo de mudança e de variação estável, pois, tanto em mudanças em direção às formas de prestígio quanto na variação estável, as mulheres apresentam as formas prestigiadas com maior frequência do que o sexo oposto (cf. LABOV, 2008, p.115-127). Por isso, de acordo com Scherre, é mais seguro considerar que há uma tendência geral do sexo feminino em se aproximar da norma de maior prestígio e dos homens se distanciarem dela.

Considerando a relevância da abordagem dessas variáveis extralinguísticas para a compreensão do dinamismo da língua, esta pesquisa busca analisar a correlação entre a concordância de número no SN e o sexo (feminino e masculino), a faixa etária (16 a 35, 36 a 55 e de 56 a 80 anos) e o nível de escolaridade (baixa escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) do falante, e observando, ainda, como variáveis internas ao sistema, como a posição linear do constituinte do SN, a classe gramatical e a relação da classe gramatical com o núcleo relacionam-se com as variantes linguísticas investigadas.

As primeiras pesquisas sociolinguísticas voltadas ao estudo da concordância nominal, como as realizadas por Braga e Scherre (1976), Braga (1977) e Scherre (1978), sinalizam para forte correlação entre o fator linguístico posição linear e a marcação de plural, ao verificarem que a primeira posição do SN favorece o uso da marca explícita de plural, enquanto as demais posições o desfavorecem.

Ao retomar a análise da concordância nominal em sua tese de doutorado, Scherre (1988) propõe que, no estudo dessa variável, além da posição linear, considere-se a classe gramatical dos elementos do SN. Com a análise da variável classe gramatical, a autora verifica que os artigos, os demonstrativos, os indefinidos e os possessivos são mais marcados com o morfema de plural e apresentam porcentagens acima de 90%; enquanto os substantivos, os substantivados, os pronomes pessoais, os adjetivos e os quantificadores apresentam porcentagens menores.

Segundo Scherre (p. 153), os adjetivos apresentam mais a marca de plural do que os substantivos. A autora realiza também o cruzamento das variáveis posição linear e classe gramatical; observa que as classes gramaticais não são fixas às posições, podendo

ocorrer, por exemplo, substantivos em todas as posições no sintagma² e verifica, ainda, que, independente da classe gramatical, qualquer elemento que esteja na primeira posição tende a ser mais marcado.

Com isso, ela propõe a análise da variável tríade posição/classe/relação advinda do cruzamento entre as variáveis posição linear, classe nuclear e não nuclear, e relação entre a classe nuclear e a não nuclear. E verifica que as classes gramaticais não nucleares antepostas ao núcleo do sintagma são mais marcadas do que as classes gramaticais nucleares, independente das posições que elas ocupam no sintagma e do que as classes gramaticais não nucleares pospostas ao núcleo, ou seja, as informações à esquerda do núcleo tendem a reter a informação de pluralidade.

Com o intuito de observar a relevância dos fatores que compõem essa variável, considera-se, neste trabalho, a posição linear, classe gramatical e a relação da classe gramatical com o núcleo como fatores independentes. Portanto, busca-se analisar como se dá a correlação dos fatores linguísticos mencionados e a concordância de número no SN, como também observar como essa variável correlaciona-se com o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade do falante, o que possibilitará um melhor entendimento desse fenômeno linguístico na capital alagoana.

METODOLOGIA

Os dados de fala que constituem o *corpus* de análise desta pesquisa são de 48 falantes nativos de Maceió e foram retirados do banco de dados *Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras*. Esses dados apresentam um total de 1.594 sintagmas nominais que possuem duas ou três posições e 3.432 elementos que podem receber o morfema de plural.

Na coleta desses dados, utilizaram-se dois instrumentos de investigação: a entrevista estruturada e a entrevista livre desenvolvida sobre temas do cotidiano, como política e profissão. Com o primeiro instrumento, colheu-se informações sobre os aspectos sociais dos informantes, como idade, sexo e escolaridade; com o segundo (que durou em média 30 minutos com cada entrevistado) foram registradas amostras de suas falas.

Os indivíduos selecionados para as entrevistas foram estratificados pelos seguintes critérios: sexo (feminino e masculino), escolaridade (baixa escolaridade – até o 5º ano; ensino fundamental – do 6º ao 9º ano; ensino médio – completo ou não; ensino superior – completo ou não) e idade (de 16 a 35, de 36 a 55 e de 56 a 80 anos).

² Entendemos, nesta pesquisa, em consonância com Scherre (1988, p. 159), que a posição no sintagma se refere à ordem em que os elementos aparecem no sintagma e não à função que exercem em seu interior.

Após a transcrição dos áudios, selecionaram-se os sintagmas nominais para análise, e utilizou-se o programa computacional GoldVarb X, que acomoda os dados de variação e aponta estatisticamente os fatores significativos para análise. Portanto, através deste trabalho, busca-se entender quais fatores linguísticos e extralinguísticos se relacionam com o uso da concordância nominal, em Maceió.

ANÁLISE DOS DADOS

Como mencionado nos tópicos anteriores, este trabalho toma como variável dependente a concordância de número no SN na língua falada em Maceió. Para isso considera-se como dado de análise cada um dos elementos flexionáveis dos sintagmas nominais que possuem duas ou três posições e considera-se que há concordância quando o elemento apresenta marcação formal de plural; caso contrário, entende-se como ausência de concordância, conforme Scherre (1988, p. 61).

Partindo da perspectiva sociolinguística de que há a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada, e que essa variação se correlaciona tanto a fatores internos como a fatores externos ao sistema linguístico, utiliza-se o programa computacional GoldVarb X.

Com a contabilização dos dados, verificou-se que, dos 3.432 dados de fala analisados, 2.596 apresentam concordância de número, enquanto 836 não a apresentam, isto é, 76% dos dados apresentam a marca de plural e 24% não são marcados. Observou-se ainda, após a análise quantitativa, que a variável linguística classe gramatical apresenta-se como não significativa para a marcação de plural no SN. Os demais fatores abordados, por sua vez, mostram-se correlacionados com essa marcação, como apresentado no Quadro 1, na página seguinte.

Como pode ser verificado no Quadro 1, as variáveis extralinguísticas escolaridade, faixa etária e sexo e as variáveis linguísticas posição linear e relação da classe gramatical com o núcleo apresentam pesos relativos que apontam para a correlação delas ao uso do morfema de plural no SN, sendo que, entre as extralinguísticas, a escolaridade está mais relacionada com o uso da marca, enquanto entre as variáveis linguísticas a posição linear destaca-se nesse aspecto.

Quadro 1 – Resultados estatísticos dos fatores sociais e linguísticos em relação ao uso da marca de plural no SN

Variável	Fatores	Total de casos	Presença da marca de plural	%	PR
Escolaridade	baixa escolaridade	792	491	62	0,20
	fundamental	741	543	73	0,44
	médio	922	686	74	0,46
	superior	977	876	90	0,80
Sexo	feminino	1.772	1.340	76	0,53
	masculino	1.660	1.256	76	0,46
Faixa etária	16 a 35 anos	1.433	1.190	83	0,67
	36 a 55 anos	1.040	747	72	0,40
	56 a 80 anos	959	659	69	0,34
Posição linear	primeira posição	1.594	1.582	99	0,84
	segunda posição	1.594	900	56	0,20
	terceira posição	244	114	47	0,14
Relação da classe gramatical com o núcleo	indefinido e quantificador antepostos	292	285	98	0,56
	artigo e demonstrativo antepostos	1.196	1.190	99	0,84
	possessivo anteposto	147	140	95	0,84
	adjetivo anteposto	30	27	90	0,35
	possessivo, adjetivo e quantificador pospostos	176	103	59	0,27

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados estatísticos de cada variável são tratados nas subseções a seguir.

Escolaridade

Um dos objetivos assumidos pela escola é o ensino da norma descrita nos compêndios gramaticais e trabalhada como a única correta na maioria dos livros didáticos. Esse ensino pode atrelar-se ao uso linguístico do falante que, durante sua escolarização, é estimulado a substituir o uso de variantes estigmatizadas pela norma tida como “correta”, como o uso da variante da concordância nominal, que apresenta a marca de plural em

apenas um elemento, como em *As menina bonita*, pela variante de maior prestígio social que requer a adequação flexional dos termos determinantes aos termos determinados, como em *As meninas bonitas*.

A fim de verificar a correlação entre os anos de exposição à escola e o uso linguístico, algumas pesquisas sobre a concordância nominal no PB adotaram, em suas análises, o fator escolaridade; entre elas, as que foram desenvolvidas por Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014). Essas pesquisas constataram que, quanto mais alto o nível de escolaridade, mais o falante tende a apresentar em sua fala a marca de plural no SN.

Ao considerar esses resultados, levanta-se a hipótese de que, em Maceió, os falantes com maior nível de escolarização utilizam mais a marcação de pluralidade no SN do que os que possuem baixa escolaridade. O Quadro 2, a seguir, exhibe os resultados referentes a esse fator extralinguístico.

Quadro 2 – Efeito da variável escolaridade na presença de marca plural em elementos do SN

Fatores	Frequência	%	P.R.
Baixa Escolaridade	491/792	62	0,20
Ensino Fundamental	543/741	73	0,44
Ensino Médio	686/922	74	0,46
Ensino Superior	876/977	90	0,80

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como depreende-se dos dados do Quadro 2, há uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolarização e o uso da marca de plural no SN, pois, com o aumento do nível de escolarização, aumenta-se o uso de concordância, o que, de acordo com Labov (2008), sinaliza que o fenômeno linguístico se encontra em variação estável.

Pode-se observar ainda, com os pesos relativos, que a baixa escolaridade, o ensino fundamental e o ensino médio não se relacionam positivamente com o uso do morfema de plural no SN, sendo que o primeiro apresenta valor muito baixo do ponto neutro, enquanto o ensino fundamental e o ensino médio comportam-se de modo semelhante e apresentam valores próximos de 0.50. O ensino superior, por sua vez, apresenta-se como favorecedor da marcação de plural com peso relativo de 0.80, ocorrendo por isso uma oposição acentuada entre baixa escolaridade e ensino superior.

Confirma-se, dessa forma, a hipótese de que, em Maceió, os falantes com maior nível de escolarização utilizam mais a marcação de pluralidade no SN do que os que

possuem baixa escolaridade, ou seja, o uso do morfema de plural no SN relaciona-se proporcionalmente aos anos de exposição à escola, demonstrando que a variação da concordância nominal se atrela às exigências sociais refletidas nas práticas escolares.

Sexo

Como já mencionado, a diferenciação sexual relaciona-se ao prestígio social das formas linguísticas, uma vez que, de acordo com Labov (2008)³ e Paiva (1992), as mulheres demonstram uma sensibilidade para as formas linguísticas de prestígio em sociedades em que se espera delas um comportamento conservador e possuem uma participação decisiva nos fenômenos de mudança em direção às formas prestigiadas.

Labov (2008) e Chambers e Trudgill (1980) também sinalizam para essa sensibilidade em situação de variação que não envolve mudança, ou seja, em variação estável, por isso sendo relevante, de acordo com Scherre (1988), considerar que há uma tendência geral do sexo feminino em se aproximar mais da norma de maior prestígio do que o sexo oposto, em sociedades que o sexo feminino desenvolve um papel mais conservador, independente se o fenômeno linguístico envolve mudança ou variação estável.

No Brasil, as pesquisas realizadas sobre a concordância nominal no PB, como a de Silva (2014), geralmente apontam que as mulheres são mais propensas ao uso do morfema de plural em todos os elementos flexionáveis do SN do que os homens, ou seja, elas demonstram maior sensibilidade à variante de maior prestígio social do que o sexo oposto.

Considerando isso, e com a afirmativa de Scherre (1988), esta pesquisa possui como hipótese, em relação à variável sexo, que as mulheres tendem a utilizar mais a marca de plural do que o sexo masculino. Apresenta-se, no quadro a seguir, os resultados alcançados nesta pesquisa em relação à correlação da variável sexo e à marcação de pluralidade no SN.

Quadro 3 – Efeito da variável sexo na presença da marca de plural em elementos do SN

Sexo	Frequência	%	P.R.
Feminino	1.340/1.772	76	0,53
Masculino	1.256/1.660	76	0,46

Fonte: Elaborado pelos autores.

³ Como a obra de Labov foi publicada originalmente em 1972, manteremos essa ordem cronológica, mesmo utilizando, neste trabalho, a publicação de 2008.

Ao observar os pesos apresentados no Quadro 3, percebe-se que homens e mulheres se assemelham em relação ao uso da concordância nominal, apresentando pesos relativos próximos. No entanto, observa-se que o sexo feminino tende a utilizar mais o morfema de plural no SN do que o sexo masculino, sugerindo que as mulheres mantêm um comportamento linguístico mais conversador em relação às regras de concordância nominal em Maceió.

Com o intuito de ampliar o entendimento da correlação dessa variável e o objeto de estudo, analisa-se a correlação do sexo com a escolaridade e constata-se que o efeito da variável sexo no uso da marca de plural no SN atrela-se ao grau de escolaridade do informante, conforme os dados a seguir.

Quadro 4 – Cruzamento das variáveis sexo e escolaridade

Sexo	Baixa escolaridade			Ensino fundamental			Ensino médio			Ensino superior		
	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.
Fem.	319/509	63	0,32	304/392	78	0,50	351/464	76	0,47	366/407	90	0,72
Masc.	172/283	61	0,31	239/349	68	0,38	335/458	73	0,44	510/570	89	0,71

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como se pode perceber no Quadro 4, os pesos relativos sinalizam que, entre os falantes que possuem baixa escolaridade, quase não há diferença no uso linguístico dos diferentes sexos em relação à concordância nominal. O mesmo ocorre entre os que possuem nível médio e superior, não confirmando a proposição de Scherre (1988), de que há uma tendência do sexo feminino em se aproximar mais da variante de prestígio.

O grupo dos informantes que possuem ensino fundamental, por sua vez, comporta-se de forma distinta dos demais, apresentando peso relativo mais alto no sexo feminino, de modo semelhante aos resultados encontrados por de Scherre (1988). Os pesos relativos também indicam que, independente do sexo dos informantes, à medida que aumenta a escolaridade, aumenta o índice de aplicação da regra de uso do morfema de plural no SN. Logo, a relação entre sexo e concordância nominal mostra-se relacionada ao fator escolaridade, sendo determinante o nível de escolaridade do falante.

Faixa Etária

Como já mencionado neste trabalho, as pesquisas sociolinguísticas que tomam para análise a concordância nominal no PB têm observado a correlação do fator faixa etária e o uso da marca de plural no SN, a fim de identificar se a concordância nominal no PB se encontra em variação estável ou em mudança em progresso.

Baseando-se em Labov (2008), consideram que, em variação estável, geralmente há distribuição plena sem gradação etária ou distribuição curvilínea, indicando gradação etária com o uso das formas mais prestigiadas nas faixas etárias intermediárias, enquanto a mudança em progresso se caracteriza pela distribuição inclinada, com os falantes mais jovens apresentando maior propensão ao uso das formas inovadoras.

Vale ressaltar, porém, que além dos resultados obtidos com o fator faixa etária, considera-se, a partir de Brandão (2011) e Silva (2014), que a correlação entre o uso da marca de plural e a idade do falante não é condição suficiente para a existência de mudança linguística, havendo a necessidade de estudo da correlação com outras variáveis, a exemplo do sexo e da escolaridade do falante.

Diante disso, analisa-se agora a correlação do fator faixa etária com a concordância nominal e levanta-se a hipótese de que, em Maceió, a marca de plural no SN é mais utilizada entre os falantes da faixa intermediária. O Quadro 5 ilustra as três faixas etárias investigadas e os seus respectivos resultados:

Quadro 5 – Efeito da variável faixa etária na presença da marca plural em elementos do SN

Faixa Etária	Frequência	%	P.R.
De 16 a 35 anos	1.190/1.433	83	0,67
De 36 a 55 anos	747/1.040	72	0,40
De 56 a 80 anos	659/959	69	0,34

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como pode ser observado, os pesos relativos apresentam-se em ordem decrescente e apontam a faixa etária mais nova como a única favorecedora do uso da marca de pluralidade, contrariando a hipótese de que haveria uma distribuição curvilínea entre as faixas etárias, com a intermediária destacando-se no uso da marca.

Com o intuito de ampliar a compreensão da relação entre idade e concordância nominal no SN, realiza-se, a seguir, o cruzamento dos resultados dos grupos de fatores faixa etária, escolaridade e sexo. Através do cruzamento da variável faixa etária com o grau de escolaridade, apresentado no Quadro 6, verifica-se com os pesos relativos que há uma proximidade do uso do morfema de plural, independentemente da idade, entre os falantes que possuem baixa escolaridade, como também entre os que possuem nível superior.

Ao observar, porém, os dados dos falantes que possuem ensino fundamental ou médio, percebe-se a diminuição inversamente proporcional do uso do morfema em

relação ao aumento da idade, ou seja, os jovens de 16 a 35 anos tendem a utilizar mais a marca de pluralidade do que os das faixas etárias mais altas nesses grupos.

Com os dados do Quadro 6, pode-se constatar também que, independente da faixa etária, os falantes que possuem nível superior apresentam mais o morfema de plural em suas falas do que os que possuem baixa escolaridade, o que sinaliza para o aumento dos índices de concordância em razão da influência da escola.

Quadro 6 – Cruzamentos das variáveis faixa etária e escolaridade

Escolaridade	De 16 a 35			De 35 a 55			De 56 a 80		
	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.
Baixa Escolaridade	224/351	64	0,32	124/209	59	0,28	143/232	62	0,30
Ensino Fundamental	246/294	84	0,58	179/256	70	0,39	118/191	62	0,31
Ensino Médio	241/378	90	0,71	197/294	67	0,36	148/250	59	0,28
Ensino Superior	379/410	92	0,77	247/281	88	0,66	250/286	87	0,65

Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre a correlação entre a idade e o sexo dos falantes, observa-se que homens e mulheres, independente da faixa etária, apresentam pesos relativos próximos, sendo que o sexo feminino se apresenta um pouco mais sensível ao uso da concordância nominal do que o sexo masculino, exceto entre os informantes da última faixa etária. Verifica-se, ainda, que homens e mulheres de 16 a 35 anos favorecem a marcação de plural, o que pode estar relacionado ao ingresso no mercado de trabalho (cf. SCHERRE, 1988, p. 522).

Quadro 7 – Cruzamentos das variáveis faixa etária e sexo

Sexo	De 16 aos 35			De 36 aos 55			De 56 aos 80		
	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.
Feminino	612/723	85	0,63	408/560	73	0,45	320/489	65	0,37
Masculino	578/710	81	0,58	339/480	71	0,43	339/470	72	0,45

Fonte: Elaborado pelos autores.

Portanto, com a análise da correlação do fator faixa etária e a concordância nominal na língua portuguesa falada em Maceió, constata-se que os falantes mais jovens, de ambos os sexos, tendem a apresentar mais a marca de plural no SN em suas falas do

que os pertencentes às faixas etárias mais velhas. Vale ressaltar, no entanto, que independentemente da faixa etária, os falantes que possuem ensino superior tendem a fazer mais uso da marcação de pluralidade do que os que possuem baixa escolaridade, revelando, assim, que a escolaridade se sobressai à faixa etária no condicionamento da concordância nominal.

Posição Linear

De acordo com Scherre (1988), o comportamento variável da concordância nominal no PB deve-se à concorrência de duas motivações: o princípio do processamento com paralelismo, que impulsiona o uso de formas semelhantes, e o princípio da economia, que permite a possibilidade de variação ao apresentar a tendência para a omissão de formas redundantes.

Ao considerar esse princípio, entende-se que, ao marcar apenas o primeiro elemento do SN, excluem-se as formas redundantes e conserva-se o sentido de pluralidade no SN. Os primeiros trabalhos sociolinguísticos que tomam para análise a concordância nominal têm confirmado essa exclusão e sinalizam para a forte correlação entre o uso da marca formal de plural e o fator linguístico posição linear.

Alguns desses trabalhos, como o de Ponte (1979), concluem que a primeira posição no SN é o fator que mais favorece a marcação de plural, ocorrendo uma queda brusca na segunda posição e, a partir desta, uma linha decrescente em termos de favorecimento do uso da marca de plural. Outros trabalhos, como o de Scherre (1978), verificam, porém, que em alguns grupos de falantes ocorre uma ligeira elevação quando se passa da segunda para a terceira posição.

A fim de observar a relação entre a variável posição linear e a concordância nominal falada em Maceió, parte-se da hipótese de que os elementos na primeira posição do SN retêm, preferencialmente, a informação de pluralidade, havendo, portanto, uma queda no uso das marcas expressas de plural nas posições subsequentes.

Quadro 8 – Efeito da variável posição linear na presença da marca de plural em elementos do SN

Posições	Frequência	%	P.R.
1ª posição	1.582/1.594	99	0,84
2ª posição	900/1.594	57	0,20
3ª posição	114/244	47	0,14

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os pesos relativos apresentados indicam a primeira posição como a que mais favorece o uso do morfema de plural, ocorrendo um decréscimo da marca de plural para a segunda e uma leve queda desta para a terceira posição; no entanto, a diferença entre a segunda e a terceira posições pode estar relacionada aos poucos dados desta última.

Verifica-se também, nos dados desta pesquisa, que a marcação na primeira posição não se mostra categórica, ocorrendo sintagmas com o morfema de plural a partir da segunda posição, como exemplificado a seguir:

- (1) pro meus filho (EMFI)⁴
- (2) pra pessoas (EMFA)

Esse resultado assemelha-se ao alcançado por Scherre (1988), que em sua análise observa 129 sintagmas que não apresentam morfema de plural na primeira posição. De acordo com a autora, em sintagmas que possuem artigo posposto a uma preposição e seguido de um possessivo e/ou substantivo, como os exemplificados, os falantes analisam a contração do tipo *no* e *po* como uma preposição, ou seja, como uma categoria que não flexiona, ocorrendo, por isso, marcação de plural a partir da segunda posição.

Portanto, observou-se que, na língua falada na comunidade de fala de Maceió, a posição linear mostra-se correlacionada ao uso da concordância nominal, apontado a primeira posição como o fator que mais favorece a marcação de plural e o declínio de uso da marca a partir da segunda posição.

Relação da Classe Gramatical com o Núcleo

Em sua tese de doutorado, Scherre (1988) analisa a concordância nominal de número na língua falada do Rio de Janeiro e propõe a análise da variável posição/classe/relação. Com essa variável, a autora verifica que as classes gramaticais não nucleares antepostas ao núcleo do sintagma são mais marcadas do que as nucleares, independente das posições que elas ocupam e do que as classes não nucleares pospostas.

Neste trabalho, como já mencionado, aborda-se a posição linear, classe gramatical e relação da classe gramatical com o núcleo como fatores independentes. Ao abordar o fator relação da classe gramatical com o núcleo, busca-se verificar como o comportamento de cada classe em relação ao núcleo correlaciona-se com a concordância nominal e têm-se como hipótese que as classes que se apresentam nas amostras de fala analisadas em posição anterior ao núcleo, isto é, artigos e demonstrativos, são mais propensas a apresentarem a concordância nominal.

⁴ O código refere-se a: escolaridade (BE: Baixa Escolaridade, EF: Ensino Fundamental, EM: Ensino Médio e ES: Ensino Superior), sexo (Masculino e Feminino) e idade do informante (J: 16 a 35 anos, A: 36 a 55 anos, e I: 56 a 80 anos).

Apresenta-se, à guisa de exemplos, alguns dados do *corpus* analisado, em que há marcação de plural das classes gramaticais antepostas ao núcleo do SN. A seguir, também são apresentados pesos relativos que apontam para a correlação da relação da classe gramatical com o núcleo e o uso do morfema de plural.

Classes gramaticais antepostas:

Indefinido

- (3) a. algumas coisa (BEFA)
b. as outras pessoas (BEFJ)

Artigo

- (4) a. as pernas (BEMJ)
b. os banco (BEMA)

Possessivo

- (5) a. dos meus pais (BEMJ)
b. as suas necessidade (BEFI)

Adjetivo

- (6) a. grandes milagre (BEFI)
b. maus tratos (ESMJ)

Quantificador

- (7) a. essas coisa toda (BEFI)
b. essas pessoas toda (ESMJ)

Quadro 9 – Efeito da relação da classe gramatical com o núcleo

Fatores	Frequência	%	P.R.
Indefinido e quantificador antepostos	285/292	98	0,56
Artigo e demonstrativo anteposto	1.190/1.196	99	0,84
Possessivo anteposto	140/147	95	0,84
Adjetivo anteposto	27/30	90	0,35
Possessivo, adjetivo e quantificador pospostos	103/176	59	0,27

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como pode ser observado no Quadro 9, as classes que se apresentam posteriores ao núcleo tendem a apresentar menos o morfema de plural do que as classes antepostas. No entanto, em função dos poucos dados daquelas, esta análise centra-se nas classes que se posicionam à esquerda do núcleo e verifica-se que artigos, demonstrativos e possessivos são as que mais favorecem o uso do morfema de plural, contrariando a hipótese de que classes que se apresentam apenas antes do núcleo são mais propensas a receberem o morfema de plural do que as que também são pospostas.

Observa-se ainda que, entre as classes antepostas, o adjetivo se destaca como a classe que menos favorece o uso do morfema de plural, o que pode refletir a ordem canônica da língua portuguesa, que posiciona o adjetivo após o núcleo, o que, de acordo com Scherre (1988), desfavorece a marcação de plural.

Com o intuito de ampliar o entendimento sobre a correlação das classes gramaticais que se posicionam anteriores ao núcleo e o uso da concordância nominal, realiza-se o cruzamento das duas primeiras posições do SN e as classes antepostas, alcançando-se os seguintes resultados:

Quadro 10 – Cruzamento das primeiras posições do SN e as classes antepostas

Classes antepostas	1ª posição			2ª posição		
	Frequência	%	P.R.	Frequência	%	P.R.
Indefinido e quantificador	273/277	99	0,82	12/15	80	0,21
Artigo, demonstrativo e possessivo	1.218/1.224	99	0,93	112/119	94	0,52
Adjetivo	20/21	95	0,57	7/9	78	0,19

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como visualizado no Quadro 10, independentemente da posição que ocupem, artigos, demonstrativos e possessivos antepostos destacam-se como favorecedores do uso do morfema de plural, enquanto os adjetivos antepostos apresentam os pesos relativos mais baixos, sendo que, na segunda posição, os adjetivos não favorecem a concordância nominal.

Observa-se também que, quando ocupam a primeira posição, as classes antepostas tendem a ser mais marcadas do que quando estão na segunda posição do SN, destacando a forte correlação entre o fator posição linear e a concordância nominal. Constatou-se que, na língua falada em Maceió, a relação da classe gramatical com o núcleo indica como maiores favorecedores do uso do morfema de plural, artigos, demonstrativos e possessivos antepostos, enquanto as classes que se posicionam antes do núcleo, o adjetivo, por exemplo, atua desfavorecendo o processo.

ANÁLISE COMPARATIVA

A concordância nominal no PB tem servido de objeto de análise de diversas pesquisas, entre elas, como destacado na seção 2, Brandão (2011), que analisa a língua falada em Nova Iguaçu (RJ); Pinheiro (2012), que toma para análise amostras de fala de residentes de Belo Horizonte; e Silva (2014), que estuda a concordância nominal na fala de alagoanos e paulistanos residentes na cidade de São Paulo.

A fim de observar se há particularidades no uso linguístico de Maceió em relação à concordância nominal, comparam-se, nesta seção, os resultados alcançados neste trabalho com os das pesquisas mencionadas. Vale ressaltar, porém, que como as pesquisas desenvolvidas por Brandão, Pinheiro e Silva tomam como objeto de análise a ausência da marca de plural no SN, faz-se necessário abordar os resultados inversamente proporcionais, ou seja, equivalem ao uso da marca de plural.

Entre as variáveis extralinguísticas analisadas nesta pesquisa, a escolaridade destaca-se como o que condiciona a concordância nominal. Com esse fator, constatou-se que quanto maior o nível de escolaridade do falante mais ele tende a fazer uso da marca formal de plural. No Quadro 11, a seguir, compara-se esse resultado com os alcançados em Nova Iguaçu, Belo Horizonte e em São Paulo.

Quadro 11 – Comparação dos dados em relação à variável escolaridade constatados nesta pesquisa com os constatados nos trabalhos de Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014)

Fatores	Brandão (2011)		Pinheiro (2012)		Silva (2014)				Esta pesquisa	
	Iguaçuanos		Residentes de Belo Horizonte		Comparação entre				Maceioenses	
	%	P.R.	%	P.R.	Paulistanos		Alagoanos			
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
Baixa Escolaridade	—	—	—	—	—	—	—	—	62	0,20
Ensino Fundamental	91	0,38	70	0,29	58	0,26	63	0,39	73	0,44
Ensino Médio	81	0,24	85	0,50	84	0,58	77	0,54	74	0,46
Ensino Superior	97	0,76	99	0,86	—	—	—	—	90	0,80

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como verificado no Quadro 11, a variável escolaridade comporta-se de modo semelhante nas diferentes pesquisas, com maior uso da marca formal de plural entre os mais escolarizados. Ao observar os pesos relativos dos grupos de falantes que possuem

ensino fundamental, verifica-se que os falantes de Maceió tendem a utilizar mais o morfema de plural do que os demais, embora o ensino fundamental não se apresente como favorecedor do uso de concordância em nenhuma das pesquisas.

Entre os informantes do ensino médio, os paulistanos e os alagoanos que residem em São Paulo apresentam mais o morfema de plural do que os demais informantes que possuem esse nível de escolaridade, com pesos relativos de 0,58 e 0,54, respectivamente, enquanto, entre os maceioenses, o ensino médio não se mostra como favorecedor da marca de plural, sinalizando que alagoanos que possuem ensino médio e residem em São Paulo são mais propensos ao uso da concordância nominal do que alagoanos com a mesma escolaridade que residem em Maceió.

O ensino superior, por sua vez, mostra-se como favorecedor da marcação de plural em todas as pesquisas que o abordaram, sendo que os pesos relativos refletem que os residentes de Belo Horizonte tendem a utilizar um pouco mais a concordância nominal do que maceioenses e iguaçuanos. Com esses resultados, compreende-se que a escolaridade é determinante para o uso da concordância nominal no PB.

Além da variável extralinguística escolaridade, abordou-se também nesta análise a variável sexo e constatou-se, com os pesos relativos, que tanto homens quanto mulheres comportam-se de forma parecida em relação ao uso da concordância nominal, sendo que o sexo feminino se mostra um pouco mais sensível à marcação de plural no SN do que o masculino. No Quadro 12, a seguir, compara-se esse resultado com os constatados por Silva (2014) nas amostras de fala de paulistanos e alagoanos que residem em São Paulo.

Quadro 12 – Comparação dos dados em relação à variável sexo constatados nesta pesquisa com os constatados no trabalho de Silva (2014)

Sexo	Silva (2014)				Esta pesquisa	
	Paulistanos		Alagoanos		Maceioenses	
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
Feminino	77	0,54	77	0,55	76	0,53
Masculino	71	0,47	71	0,47	76	0,46

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como pode ser observado no Quadro 12, os resultados alcançados por Silva (2014), tanto nas amostras de fala dos paulistanos como nas amostras de fala dos alagoanos, aproximam-se ao desta pesquisa, sinalizando que homens e mulheres que residem em São Paulo utilizam a concordância nominal de forma semelhante, ocorrendo,

no entanto, uma leve tendência entre as mulheres em fazer mais uso da marca de plural do que o sexo oposto.

Esses resultados confirmam a afirmativa de Scherre (1988), de que ainda há uma tendência geral do sexo feminino em se aproximar mais da norma de maior prestígio, ao tempo que também indicam que, na sociedade brasileira, o comportamento linguístico de homens e mulheres caminha para equiparação, o que pode atrelar-se à busca pela igualdade dos papéis sociais desempenhados pelos diferentes sexos.

Realizou-se, também, neste estudo, a análise da correlação entre a variável extralinguística faixa etária e o uso da concordância nominal e constatou-se que os informantes pertencentes à primeira faixa etária tendem a fazer mais uso da marca de plural do que os pertencentes às faixas etárias mais altas. No Quadro 13, a seguir, compara-se esse resultado com os alcançados nas pesquisas de Brandão (2011) e Silva (2014).

Quadro 13 – Comparação dos dados em relação à variável faixa etária constatados nesta pesquisa com os alcançados por Brandão (2011) e por Silva (2014)⁵

Faixa etária	Brandão (2011)		Silva (2014)				Esta pesquisa	
	Iguaçuanos		Paulistanos		Alagoanos		Maceioenses	
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
De 16 aos 35	91	0,52	83	0,48	65	0,37	83	0,67
De 36 aos 55	93	0,59	85	0,61	88	0,70	72	0,40
De 56 aos 80	87	0,36	62	0,43	64	0,37	69	0,34

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao observar os pesos relativos acima, verifica-se que tanto no trabalho de Brandão (2011) como na pesquisa desenvolvida por Silva (2014) a faixa etária intermediária destaca-se no uso da marca de plural no SN, apresentando uma distribuição curvilínea e sinalizando variação estável. Embora os resultados das amostras de fala de Maceió apontem que os sujeitos pertencentes à primeira faixa etária são mais propensos ao uso do morfema, verificou-se, com o cruzamento dos fatores faixa etária e escolaridade que, independentemente da idade, os informantes com maior nível de escolaridade tendem a apresentar em suas falas a marcação de plural, sendo, pois, mais determinante o nível de escolaridade do que a faixa etária no uso da concordância.

⁵ Não foi mantida a comparação com os estudos de Pinheiro (2012) porque, em sua pesquisa, a faixa etária não apresentou significância estatística.

Além das variáveis extralinguísticas já tratadas, mostraram-se como favorecedoras do uso do morfema de plural em Maceió as variáveis linguísticas relação da classe gramatical com o núcleo em posição linear. A variável relação da classe gramatical não pôde ser comparada com os resultados de outras pesquisas porque, em todos os demais trabalhos investigados, essa relação é observada dentro da tríade posição/classe/relação.

Em relação à posição linear, observa-se, neste estudo, que a primeira posição favorece o uso do morfema de plural, enquanto as demais desfavorecem, havendo um declínio linear do uso da marca de pluralidade a partir da segunda posição. No Quadro 14, compara-se esse resultado com os alcançados em Belo Horizonte por Pinheiro (2012).

Quadro 14 – Comparação dos dados em relação à variável posição linear constatados nesta pesquisa com os alcançados por Pinheiro (2012)

Posições	Pinheiro (2012)		Esta pesquisa	
	Residentes de Belo Horizonte		Maceioenses	
	%	P.R.	%	P.R.
1ª posição	100	0,90	99	0,84
2ª posição	66	0,14	57	0,20
3ª posição	74	0,13	47	0,13

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como pode ser observado, o fator linguístico posição linear correlaciona-se com a concordância nominal de modo semelhante em Belo Horizonte e em Maceió, com a primeira posição destacando-se como a que mais favorece o uso do morfema de plural, e as demais posições como menos favorecedoras desse uso, sendo que, nas amostras de fala analisadas por Pinheiro (2012), os pesos relativos referentes à segunda e à terceira posição são próximos, sinalizando a oposição geral entre a primeira e as demais posições, enquanto nas amostras desta pesquisa observou-se um declínio mais acentuado da segunda para a terceira posição, ou seja, há um declínio gradual e linear na marcação de plural nos elementos do SN.

A primeira posição do SN tende a ser a mais marcada e os informantes do sexo feminino e com maior nível de escolaridade são os mais propensos a fazer uso do morfema de plural. Ao comparar o fator faixa etária, porém, observou-se que tanto em Brandão (2011) quanto em Silva (2014) a faixa etária intermediária se destaca no uso da marca de pluralidade, enquanto nesta pesquisa os mais jovens se destacam nesse uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, com este estudo, analisar a concordância nominal entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal a partir de amostras de fala de 48 nativos de Maceió, seguindo a Teoria da Variação Linguística que concebe a língua como um sistema heterogêneo que pode ser afetado por fatores sociais – externos – e linguísticos – internos.

A fim de verificar quais variáveis condicionam essa marcação de plural, investigaram-se as variáveis linguísticas posição linear, classe gramatical e relação da classe gramatical com o núcleo e as variáveis extralinguísticas escolaridade, sexo e faixa etária. Em relação às variáveis extralinguísticas, constatou-se que os falantes mais escolarizados, pertencentes à faixa etária mais baixa e do sexo feminino são mais propensos ao uso da concordância nominal do que aqueles que possuem características inversas. Na análise das variáveis linguísticas, observou-se que a classe gramatical não condiciona o uso das marcas de plural e que a primeira posição – artigos, demonstrativos e possessivos antepostos – atua como favorecedora da marcação de pluralidade.

Ao se comparar esses resultados com os alcançados em Pinheiro (2012), Silva (2014) e Brandão (2011), observou-se que as variáveis escolaridade, sexo e posição linear correlacionam-se com a concordância nominal de forma semelhante em Maceió, Belo Horizonte, São Paulo e Nova Iguaçu (RJ). Ao comparar a variável faixa etária, porém, observou-se que, tanto em Brandão (2011) quanto em Silva (2014), a faixa etária intermediária destaca-se no uso da marca formal de plural, enquanto nesta pesquisa os mais jovens se destacam nesse uso, sinalizando que há particularidades no condicionamento da concordância nominal da capital alagoana.

Portanto, pode-se verificar que o uso do morfema de plural no SN na língua falada em Maceió está condicionado às variáveis linguísticas posição linear e relação da classe gramatical com o núcleo e às extralinguísticas escolaridade, sexo e faixa etária, apresentando semelhanças e particularidades em relação aos resultados alcançados em outros municípios brasileiros e contribuindo para a ampliação do entendimento da variação da concordância nominal no PB.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1977. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. *In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUÍSTICA*, 1., 1976, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 467-477.

BRANDÃO, S. F. *Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências*. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 164-178, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3bivpq4Brandão>. Acesso em: 20 de jun. 2014.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

FREITAG, R. M. K. O.; SEVERO, C. G. (Org.). *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

PAIVA, M. da C. Fatores extralingüísticos: sexo. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 69-73.

PINHEIRO, L. R. *A concordância nominal no português de Belo Horizonte*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PONTE, V. M. L. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

SALGADO, S. S. *et al.* Concordância de número nos predicativos adjetivos e participios passivos do português falado em Maceió: um estudo variacionista. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET, 11., 2006, Florianópolis. Disponível em: <https://bit.ly/2YZAYaBconcnom>. Acesso em 20 de jun. 2014.

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, F. G. *Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.